

RUA ADAIGIZA NERY

Lei nº 6590 de 28-08-1991, Artigo 2º, Inciso I
Formada pela rua 35 do Conjunto Habitacional

Mons. Luis Fernandes de Abreu (DIC I)

Início na rua 49

Término na rua Cacilda Becker

Conjunto Habitacional Mons. Luis Fernandes de

Abreu (Dic I)

Obs.: Lei sancionada e promulgada pelo Prefeito
Jacó Bittar. Projeto de lei nº 141/91. Processo CM nº 56.195/91.

ADAIGIZA NERY

Adalgiza Maria Feliciano Noel Cancela Ferreira nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 29-outubro-1905 onde faleceu em 07-junho-1980. Era filha de Gualter José Ferreira e Rosa Noel Cancela Ferreira. Foi casada em primeiras núpcias com o pintor Ismael Nery, tendo dois filhos e em segundas núpcias com Lourival Fontes. Perdeu a mãe aos oito anos de idade, sendo internada pelo pai, num collegio de freiras, em Vassouras, completando seus estudos no Collegio Basílio da Gama, no Rio. Já casada, em 1927 foi à Europa, enviuvando-se em 1934. Ingressando, então, no funcionalismo público, Adalgiza Nery publicou seu primeiro livro "Palmas", passando então a colaborar em "O Jornal", no "Dom Casmurro" e na revista "O Cruzeiro", publicando nesta seus primeiros contos, e em várias revistas estrangeiras. Depois de visitar os Estados Unidos, casando-se novamente, publicou o livro de contos "Og" e publicou seu segundo livro de poesias: "A Mulher Ausente". Passou longo período no exterior e na volta publicou vários livros. Em fins de 1953 ingressou na "Última Hora", onde passou 12 anos, assinando a coluna diária "Retrato Sem Retoque", sobre políticos nacionais e internacionais. Em 1960, foi eleita deputada pela primeira Assembléia do Estado da Guanabara, pelo Partido Socialista Brasileiro, sendo reeleita em 1962. Em 1958, publicou seu primeiro romance: "A Imaginária". Seus trabalhos foram traduzidos para o francês, italiano, espanhol, alemão e russo. Adalgiza Nery foi também presidente da Associação Brasileira de Ajuda ao Menor.

LEI Nº 6590 DE 28 DE AGOSTO DE 1991
DENOMINA VIAS E PRAÇAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

PROCESSO Nº 141/91
P. L.

A Câmara Municipal aprovou e eu, Prefeito do Município de Campinas, sanciono e promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º - Ficam denominadas as seguintes vias e praças públicas do Conjunto Habitacional Lech Walesa (DIC IV) a seguir descritas e caracterizadas:

I - Rua "IBRANTINA CARDONA", a Rua 14, com início na Rua 12 e término na divisa do loteamento.

II - Rua "CARMEM DE ÂNGELIS NICOLETTI", a Rua 12, com início na Rua 16 e término na divisa do loteamento.

III - Rua "ANÁLIA FRANCO", a Rua 1, com início na divisa sudoeste e término na divisa norte do loteamento.

IV - Rua "CHIQUINHA GONZAGA", a Rua 2, com início na divisa sudoeste e término na divisa noroeste do loteamento.

V - Rua "APOLÔNIA PINTO", a Rua 6, com início na Rua 17 e término na divisa do loteamento.

VI - Rua "ITÁLIA FAUSTA", a Rua 7, com início na Rua 17 e término na divisa sudoeste do loteamento.

VII - Rua "CECÍLIA MEIRELES", a Rua 8, com início na Rua 17 e término na divisa norte do loteamento.

VIII - Rua "BÁRBARA HELIODORA", a Rua 10, com início na Rua 16 e término na divisa sul do loteamento.

IX - Rua "FRANCISCA JÚLIA DA SILVA", a Rua 11 com início na Rua 15 e término na Rua 13 do loteamento.

X - Rua "MARIA DOLORES", a Rua 16, com início na Rua 17 à altura das divisas dos lotes 24 e 25 da quadra "O" e término na Rua 12 do loteamento.

XI - Rua "COLOMBINA", a Rua 21, com início na Rua 1 e término na Rua 02 do loteamento.

XII - Rua "ANITA MALFATTI", a Rua 22, com início na Rua 1 e término na Rua 2 do loteamento.

XIII - Rua "JANETE CLAIR", a Rua 23, com início na Rua 1 e término na divisa oeste do loteamento.

XIV - Praça "BERTA LUZ", a praça 1, com frente para a Rua 1 e fundos com a gleba de Elza Von Ah e Irmãos ou sucessores, do loteamento.

XV - Praça "AUTA DE SOUZA", a praça 2, formada pelo contorno das Ruas 1 e 23 do loteamento.

XVI - Praça "CONCHITA DE MORAIS", a praça 3, com sua frente para a Rua 1 e fundos com a gleba de Elza Von Ah e Irmãos ou sucessores, do loteamento.

XVII - Praça "GILDA DE ABREU", a praça 4, formada pelo contorno das Ruas 10 e 16 do loteamento.

XVIII - Praça "DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ", a praça 5 formada pelo contorno das Ruas 10, 16 e 17 do loteamento.

Artigo 2º - Ficam denominadas as seguintes vias públicas do Conjunto Habitacional Mons. Luis Fernandes de Abreu (DIC I) a seguir descritas e caracterizadas:

I - Rua "ADALGIZA NERY", a Rua 35, com início na Rua 49 e término na Rua 53 do loteamento.

II - Rua "DJANIRA DA MORA E SILVA", a Rua 37, com início na Rua 47 e término na Rua 52 do loteamento.

III - Rua "TARSILA DO AMARAL" a Rua 44 com início na Rua 33 do loteamento, e término na Rua 7 do Jardim Melina.

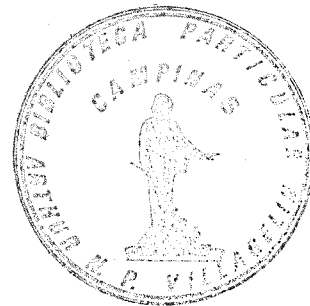
IV - Rua "CACILDA BECKER", a Rua 53, com início na Rua Nelson Barbosa da Silva e término na divisa sul do loteamento.

Artigo 3º - Fica denominada Praça "CARMEN CINIRA", a Praça 1 do loteamento Chácara Cnêo formada pelo contorno das Ruas João Alfredo Wilson da Costa e Prof. Jorge Leme do mesmo loteamento.

Artigo 4º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL 28 de agosto de 1991

JACÓ BITTAR
Prefeito Municipal



Do sucesso mundano ao asilo de velhos

"FOLHA DE SPÁULO" DE 12-06-1980

MARIA CARNEIRO DA CUNHA

Morreu Adalgisa Nery, a escritora, a poetisa, a política, a jornalista polêmica, a mulher culta e refinada, mas também independente e precursora. Nada disso, porém, impediu que ela morresse esquecida de todos, com exceção de alguns poucos amigos fiéis; num asilo para pessoas idosas, cuja conta era paga por um deles, o apresentador de TV Flávio Cavalcanti, coisa que pouca gente sabe.

Tudo foi extremamente melancólico para quem, nos áureos tempos, teve girando, à sua volta, todo um "beau monde", tanto de dentro como de fora do Brasil. Sua morte faz refletir sobre a fugacidade daquilo que se convencionou chamar de "sucesso mundano" e é uma amostra de como a sociedade trata aqueles que o tempo e as circunstâncias retiram dessa arena restrita, onde brilha um sol artificial.

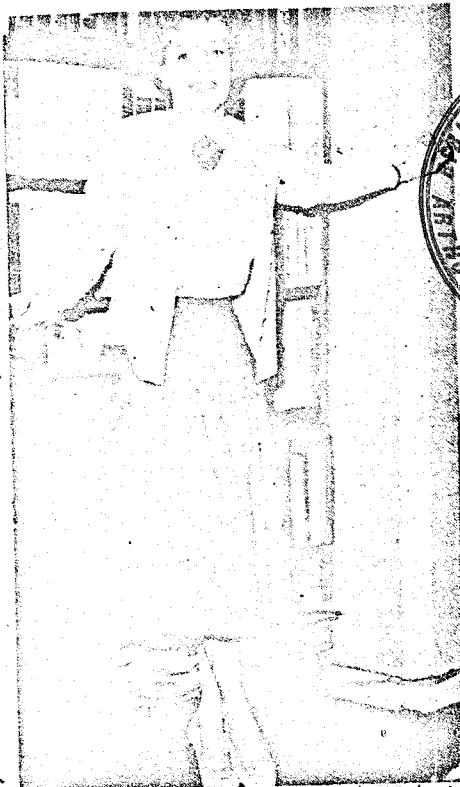
Sua morte surge duplamente melancólica. Há alguns meses Roberto Lira Filho, professor da Universidade de Brasília, dizia: "Adalgisa é uma mulher extraordinária, numa situação existencial extremamente infeliz, mas que certamente tem muito a dizer. Vá logo, pois não creio que ela dure muito assim." A morte, entretanto, foi mais rápida.

Ele contou como a conhecera: "Houve um tempo em que eu morava no Rio e sofrendo de constantes insônias, aproveitava as noites para ler e escrever. Diante da janela do meu quarto, num prédio vizinho em diagonal, eu via todas as noites uma mulher de rosto expressivo, já não muito jovem, com uma bela cabeleira escura entremeada de fios brancos. Alguma coisa — quem sabe que angústia interior? — a mantinha acordada como eu e ela escrevia incessantemente em sua máquina. Não podendo conter a minha curiosidade, por minha companheira noturna, eu indaguei ao porteiro sobre sua identidade. Ao saber que era Adalgisa Nery, não foi difícil descobrir-lhe o telefone. Na noite seguinte, fiz o contato: "Adalgisa, você não me conhece, mas sou seu vizinho e companheiro de noite. Como você não dorme nem eu, que tal a gente conversar?" Estava quebrado o gelo e esse foi o início de uma grande amizade, construída em longas conversas em muitas dessas noites insones.

"Ela era então uma mulher amargurada, mas que grandeza havia nela! O que posso afirmar com toda a certeza é que jamais encontrei alguém tão sedento de absoluto. Ela tentou encontrá-lo e muitas coisas — na arte, no amor, no sexo, na luta social — mas nada disso era suficiente para matar essa sede."

Esta história, contada por um amigo que a chama de "madona dos abismos", serve melhor como perfil do que a mera citação de dados tirados de enciclopédias e de arquivos. Para aqueles que quiserem saber algo mais sobre a sua trajetória, Adalgisa Nery teve uma educação tradicional em colégio de freiras, apesar de ser oriunda de uma família pobre. Ainda quase menina, aos quinze anos, casou-se com o pintor Ismael Nery, passando então a frequentar um mundo de intelectuais, que formavam o círculo desse homem brilhante, sob todos os aspectos. Antes dos 30 anos, ficou viúva, com dois filhos, passando a trabalhar como funcionária pública. Em 1934, casou-se em segundas núpcias com Lourival Fontes, redator dos discursos e homem de confiança de Getúlio Vargas, então no auge de seu poder.

Em 1937, Adalgisa estreou nas letras com o livro "Poemas", iniciando ao mesmo tempo carreira de articulista, colaborando em diversas revistas. Os anos seguintes foram divididos entre o Rio e as longas estadias no Exterior (Paris, Estados Unidos e México), onde acompanhava o marido em suas funções oficiais de embaixador, desenvolvendo, por conta própria, uma grande atividade de intercâmbio cultural. Publicou outros livros de poesia: "A mulher ausente" (1940), "Ar do



Adalgisa, exemplo de mulher independente

deserto" (1943), "Cantos da angústia" (1948) e "As fronteiras da quarta dimensão". Quase toda a sua produção poética foi reunida depois no volume intitulado "Mundos oscilantes" (1962).

A crítica classifica a sua poesia como "menor". Talvez por isso Adalgisa tivesse horror de ser chamada de poetisa, considerava o termo quase pejorativo, como declarou numa entrevista de 1957. Nessa mesma entrevista (à "Folia da Noite"), afirmava que "poeta só é grande quando se realiza com sentido universal". E mais adiante: "A liberdade está em desligar-se das próprias fraquezas, das ridículas vaidades, das mediocres ambições e principalmente em não se deixar subornar por elogios, quando se tem consciência de que não se adaptam à verdade. (...) A grande liberdade está na autoridade moral, no respeito a si mesma e no respeito ao direito do próximo."

Junto com Gilka Machado, Adalgisa foi de nossas poucas autoras a abordar explicitamente em seus poemas a temática erótica vista pelo ângulo da mulher, embora talvez nunca chegasse ao nível de abstração e perfeição técnica que se exige da poesia "maior". Mas, sob o aspecto humano e não meramente literário, talvez sua obra mais interessante seja a própria autobiografia romanceada: "A imaginária" (1959). Certamente não lhe faltava material de inspiração em sua própria vida, que procurou viver sempre com intensidade.

Atuou também com destaque como jornalista, mantendo durante muitos anos uma coluna muito popular ("Retrato sem retoques") no jornal "Última Hora", onde, com a paixão que caracterizava tudo o que fazia, dedicava-se a apontar as mazelas de nossa vida política, o que lhe valeu não poucos inimigos.

Adalgisa resumia sua atividade nesse campo com as seguintes palavras: "A experiência jornalística deu um valioso e indispensável acréscimo de conhecimentos humanos à minha vida, fortalecendo de maneira notável a minha cultura existencial. Tenho horror à unilateralidade. O jornalismo exercitou-me na multiplicidade de ação e isso enriqueceu o meu entendimento."

Em seu depoimento ao Museu da Imagem e do Som em 1967, ela admitiu que era subversiva desde os oito anos de idade, quando se revoltou contra os métodos de educação do colégio onde estudou, desde que ser subversiva seja "defender a causa do mais justo".





Morre Adalgisa Nery, escritora e jornalista

A poetisa, jornalista e deputada estadual Adalgisa Nery foi enterrada ontem no Cemitério São João Batista; compareceram ao enterro parentes, escritores e políticos. Sua morte ocorreu às 12h30m de sábado último, aos 74 anos, e foi provocada por edema agudo de pulmão, agravado por infarto agudo do miocárdio, hipertensão arterial e acidente vascular cerebral.

Considerada das maiores poetisas brasileiras, Adalgisa Nery deixa mais de dez livros de poesias e crônicas políticas, entre os quais "Mundos oscilantes", que reúne toda sua poesia. Ela se elegeu deputada em 1960, reelegendo-se em 1962 com maioria de votos. Pertenceu ao Partido Socialista Brasileiro e ao Partido Trabalhista Brasileiro. Sua morte ocorreu na "Estância São José", uma chácara em Jacarepaguá.

O PRIMEIRO POEMA

Adalgisa Maria Feliciano Noel Cancela Ferreira nasceu a 29 de outubro de 1905 no bairro de Laranjeiras. Era filha de Gualter José Ferreira, de Mato Grosso, e Rosa Noel Cancela Ferreira, de Portugal. Perdeu a mãe aos oito anos de idade e foi internada pelo pai num colégio de freiras de Vassouras, voltando, algum tempo depois, com o novo casamento do pai, para o Rio, onde estudou no Colégio Basílio da Gama, em Botafogo.



Adalgisa Nery, 1905-1980

Em 1922, aos 15 anos, casou-se com o pintor Ismael Nery, passando, então a conviver com poetas como Manoel Bandeira, Murilo Mendes, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e outros. Em 1927, foi à Europa e em 1934 perdeu o marido: restando-lhe os dois filhos, Ivan e Emanuel. Começou a trabalhar num escritório particular e depois como funcionária da Caixa Econômica. Um ano mais tarde, foi servir no Conselho de Comércio Exterior, órgão subordinado ao Itamarati.

O primeiro poema, escrito em 1937 — "Eu em Ti", foi muito elogiado após a publicação na Revista Acadêmica. Incentivada por Murilo Mendes, ela continuou a escrever e o resultado desse trabalho foi depois reunido no volume "Poemas" seu livro de es-

tréia, publicado pela Editora Pongetti.

DA POESIA A POLITICA

Adalgisa Nery passou então a colaborar em "O Jornal", no "Dom Casmurro", na revista "O Cruzeiro" (onde publicou seus primeiros contos) e em várias revistas estrangeiras.

Depois de visitar os Estados Unidos, voltou a casar-se em 1940, com Lourival Fontes. Lançou na época do segundo casamento, o livro de contos "OG", e publicou o segundo livro de poesia, "A mulher ausente".

Passou, então, um longo período no exterior — Canadá, Estados Unidos e México, onde seu marido foi embaixador.

Depois de publicar vários livros, Adalgisa Nery teve uma coletânea de poemas traduzida para o francês.

Em fins de 1953, separou-se do marido e voltou a trabalhar em jornal, na "Última Hora", onde passou 12 anos, assinando uma coluna diária intitulada "Retrato sem retoque", sobre política nacional e internacional.

Foi eleita, em 1960, deputada pela primeira Assembléia do Estado da Guanabara, na legenda do Partido Socialista Brasileiro. Em 1962, foi reeleita.

Teve seu primeiro romance, "A imaginária", publicado em 1958. Seus trabalhos foram traduzidos, além do francês, para o italiano, espanhol, alemão e russo. Adalgisa Nery foi também presidente da Associação Brasileira de Ajuda ao Menor.